

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIAS–CDHM

REQUERIMENTO N.º _____ DE 2008

(Da Senhora Íris de Araújo, da Senhora Janete Rocha Pietá,
do Senhor Luiz Couto e do Senhor Sebastião Bala Rocha)

Senhor Presidente,

Nos termos regimentais, requeremos a Vossa Excelência, após ouvido o plenário, que seja designada comissão de deputados integrantes desta Casa, para em diligência, para acompanhar *in loco* as denúncias de tortura da menor L. de 12 anos, na cidade de Goiânia-GO, inclusive com a oitiva da vítima e das acusadas.

JUSTIFICATIVA

É com absoluto pesar que trago a esta Comissão, uma história inacreditável de violência, dor, covardia e monstrosidade. Um fato considerado pelos próprios jornalistas e pelas autoridades como um dos mais horripilantes da crônica policial de Goiás e do País.

Uma menina de 12 anos dada pela mãe à empresária Sílvia Calabrese Lima, de 42 anos, dona de uma importante construtora em Goiânia, foi mantida durante dois anos em cárcere privado em um apartamento de luxo e submetida a brutais sessões de tortura, em muito semelhantes às praticadas pelos regimes nazi-fascistas.

A empresária e a empregada dela, Vanice Maria Novaes, de 23 anos, foram flagradas dia 17 de março do corrente ano, no momento em que a menina era mantida acorrentada pelos pés e pelas mãos.

A garota estava amordaçada. Dentro da boca, um pano embebido com pimenta, também usada para lhe esfregar os olhos, que estavam inchados.

Esta era uma rotina que se repetia todos os dias. As torturadoras acordavam a menina às cinco da manhã. Por cerca de quatro horas se desenvolvia o ritual grotesco. A empresária mantinha um diário onde anotava as atrocidades cometidas.

A menina não recebia alimentos por até quatro dias. Era obrigada a comer fezes, ração e a tomar a urina de cachorro. Mantida como refém, foi ameaçada de morte caso denunciasse o caso.

Ao conversar com jornalistas após ser libertada, a menina detalhou seu itinerário de selvageria e angústia sem fim.

A empresária, segundo ela, “pegava um alicate e apertava a minha língua até cortar. Ela me batia com fio e amassava meus dedos fechando a porta. Ela me afogava dentro do tanque pegando minha cabeça e empurrando nele cheio de água. Colocava ferro de passar roupa quente na minha língua e na minha bunda. Com o fio, além de me bater, ela me amarrava, me enforcava. Ela pegava sacola, colocava na minha cabeça e amarrava. Eu ficava sem ar, sem jeito de respirar”.

E preciso aferir esta barbárie e acompanhar o feito até a punição dos culpados, pois cabe a esta comissão lutar pela prevalência dos direitos individuais e coletivos, e especialmente aos direitos humanos e da pessoa humana.

A questão é que, dia após dia, se repetem casos de violência e agressões contra crianças por este País afora, sem que tenhamos instrumentos de fato eficientes para coibir a seqüência do martírio.

Deputada Federal Iris de Araújo

Deputada Federal Janete Rocha Pietá

Deputado Federal Luiz Couto

Deputado Federal Sebastião Bala Rocha